

A FRAGMENTAÇÃO DO ESPIRITISMO NO RIO DE JANEIRO DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX (1900-1934).

Marcos Moreira Marques

Doutorando PPGH – UNIRIO

marcos.moreira.marques@gmail.com

1. Espiritismo, que religião é essa?

O espiritismo surgiu na França em meados do século XIX. Liderada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, um pedagogo lionês que passaria a ser conhecido com o nome que tivera em uma de suas encarnações, Allan Kardec, a doutrina inicialmente procurou manter-se distante de qualquer caráter religioso. Apresentava-se como uma nova Ciência que tinha como objeto de estudos os espíritos, vistos como a parte inteligente do universo.

Entre os anos de 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, e 1869, quando Allan Kardec morre, o codificador conseguiu estruturar uma vasta cadeia de seguidores dentro e fora da França, seguidores esses que procuravam reproduzir os experimentos, estudar o conhecimento deixado pelos espíritos nas obras da codificação, e aplicar esses ensinamentos e procedimentos nos trabalhos de auxílio e caridade, inclusive de cura de moléstias físicas e mentais.

Chegando ao Brasil na década de 1860, quando passou a ser discutida nos círculos intelectuais da Corte Imperial, sobretudo por franceses que aqui residiam, somente a partir da década seguinte começou a se estruturar de forma mais sistematizada em organizações coletivas onde a prática da assistência médica com o uso da homeopatia e a condução dos espíritos, através de médiuns, possibilitou a aproximação entre os dirigentes da nova doutrina, membros das elites intelectuais do Império, médicos, advogados, políticos, militares, e uma substancial parcela da população que procurava nos grupos espíritas alívio para suas dores físicas e espirituais. Outra ação importante nesse período é a tradução para o português das quatro primeiras obras da codificação Kardequiana (*O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo* e *O Céu e o Inferno*), por Joaquim Carlos Travassos, médico homeopata e médium receitista, membro da Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio (DAMAZIO, 1994, p.103)

Ainda nesse período se iniciam as disputas entre dois grupos de seguidores da doutrina, os que consideravam a doutrina espírita uma religião e os que a entendiam como uma ciência. A primeira privilegiava o estudo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, focando suas atenções nos ensinamentos morais do cristianismo. Para a segunda, o importante era a parte experimental – a dos fenômenos físicos – e “só aceitavam a ciência e a doutrina filosófica reveladas, mas não seu desdobramento religioso, calcado nos evangelhos” (DAMAZIO, 1994, p.105). Este embate levou, já na década de 1870, à dissolução, reformulação e surgimento de grupos com maior ou menor ênfase nos aspectos religiosos ou científicos da doutrina. Desta forma surgem a Congregação Espírita Anjo Ismael, em 1877, o Grupo Espírita Caridade, em 1878, a Sociedade Espírita Fraternidade, em 1880, todos de concepção religiosa, e o Grupo dos Humildes, profundamente rústico¹, posteriormente denominado Grupo Ismael, de relevante participação nos rumos do espiritismo no Rio de Janeiro, a partir da década de 1890.

No lado dos científicos, após tomarem a direção da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, em 1879, e mudarem sua denominação para Sociedade Acadêmica, reformulam seus estatutos, onde se identifica no Art.2º que a função da Sociedade é “(...) criar e sustentar a Academia Espírita de Ciências na Capital, e gabinetes e círculos filiais onde for conveniente, para observação e estudo de todas as Ciências, especialmente as que tiverem relação direta com a Ciência Espírita.”²

Caberia aos membros da Sociedade também o dever de desenvolver e apresentarem teses científicas, requisito tanto para a admissão quanto para a permanência de sócios na entidade. Por isso, seria atribuição da Academia:

[...] a tarefa de difundir gratuitamente a Ciência e avaliar o grau de conhecimentos filosóficos e científicos daqueles que aspiram ser membros da Sociedade, examinando-os nas matérias determinadas para os exames dos diferentes graus, e ouvindo-os em defesas de teses que deverão ser tanto mais desenvolvidas quanto mais elevado for o grau; sendo necessário, além de tudo, para obter o título de membro graduado da Sociedade, classe de que se compõe a Academia, ter-se distinguido no estudo e observação científica nos

¹ A obra “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação. Os quatro Evangelhos”, de Jean Baptiste Roustaing, recebida em psicografia pela médium belga Émilie Collignon e dirigida por Roustaing, chegou ao Brasil pouco depois dos escritos de Allan Kardec. Na obra, que teria sido ditada pelos espíritos dos quatro evangelistas João, Mateus, Lucas e Marcos, assistida pelos apóstolos e por Moisés, defende-se a tese de que Jesus não teria um corpo físico, mas um corpo fluídico, chamado por Roustaing de agêner. Além disso, o parto de Maria teria sido puramente psicológico, decorrente do estímulo de espíritos superiores.

² BN – HEMEROTECA DIGITAL. Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Ed. 1, de janeiro de 1881, p. 16.

cursos, não sendo permitido à ninguém obter o último grau sem passar sucessivamente pelos dois primeiros.³

Pois coube à Sociedade Acadêmica a defesa da doutrina contra os ataques mais intensos que passara a sofrer da Igreja⁴, da Medicina e das autoridades policiais. Para isso, utilizou as páginas da Revista da Sociedade Acadêmica, Deus, Cristo e Caridade, tanto para rebater os ataques provenientes do bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro, para quem “só quem desprezar as vozes de Deus, e quiser chamar a maldição do Onipotente para sua pátria, (...) seguirá e honrará o espiritismo”⁵. Quanto para divulgar sua atuação junto ao Imperador D. Pedro II, que não aceitava a doutrina espírita, ao Ministro da Justiça, e as autoridades policiais da Corte que, em Mandato de Intimação de 30/08/1881, proibia o funcionamento da entidade.⁶

Além disso, a Sociedade Acadêmica produziu cursos, abriu círculos de estudos, patrocinou concursos e iniciou correspondência com entidades e periódicos dentro e fora do Brasil.

Entre 1883 e 1884, no entanto, suspende suas atividades e seus membros juntam-se aqueles que tinham uma visão religiosa do espiritismo para atuarem unidos na Federação Espírita Brasileira e no Reformador. Essa união foi bastante proveitosa para o Espiritismo como movimento, pois, entre 1884 e 1890, pelo menos, foram desenvolvidas diversas atividades⁷ que projetaram os fundamentos da doutrina entre os habitantes da Corte e do Brasil, intensificou-se o contato com entidades internacionais,

³ BN – HEMEROTECA DIGITAL. Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Ed. 1, de janeiro de 1881, p. 3.

⁴ Em meu trabalho de doutorado “A Cura do Céu. Cura e Caridade Espírita no Rio de Janeiro da Primeira República”, desenvolvido junto ao PPGH da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), demonstro como a quantidade de ataques ao espiritismo produzido pela Igreja através do periódico católico “O Apóstolo”, foi significativamente robustecido a partir das décadas de 1860, sendo quatro em 1868, 1870-1; 1874-1; 1875-7; 1876-9; 1877-10; 1879-3; somando 31 na década de 1870; e na década de 1880, temos em 1880-5; 1881-11; 1882-24; 1883-20; 1884-41; 1885-24; 1886-08; 1887-14; 1888-25; 1889-08, num total de 179 ataques.

⁵ BN – HEMEROTECA DIGITAL. O Apóstolo, ed. 78, de 15/07/1881, p. 1. Trata-se da Pastoral produzida por D. Pedro, Bispo do Rio de Janeiro.

⁶ BN – HEMEROTECA DIGITAL. Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Ed. 009, de agosto de 1881.

⁷ Entre as atividades mais importantes desse período estão as Conferências Públicas desenvolvidas pela FEB entre 1885 e 1888 que conseguiram reunir grande número de expectadores e contou com expositores conhecidos no meio político, cultural e médico da Corte, entre eles os médicos Adolfo Bezerra de Menezes, Dr. Antônio de Castro Lopes, Dr. Dias da Cruz, entre outros. Para uma descrição mais detalhada dessa atividade ver MARQUES, Marcos Moreira. A cura do corpo, da cidade e da alma. Medicina, política e espiritismo em Adolfo Bezerra de Menezes. Salvador/BA: Sagga Editora, 2019, p.178 a 181.

sobretudo da Europa e América Latina, houve intensa troca de artigos entre periódicos de dentro e fora do Brasil, o que contribuiu para o aumento no número de grupos espíritas que se instalaram no Rio de Janeiro.

Com o advento da República e a promulgação do Código Penal de 1890, período em que o Estado passa a ser laico, com liberdade religiosa, mas as atividades de cura não realizadas por médicos passam a ser criminalizadas, inclusive de espíritas e homeopatas, os grupos que antes se mantiveram em relativa harmonia reiniciam franca separação. Com isso, pelo menos até 1895, várias ações são desenvolvidas na FEB, nos grupos e no Reformador, a fim de impulsionar junto ao movimento uma visão e atuação científica da doutrina. Na pena de Canuto Abreu, arguto defensor do espiritismo religioso:

O ano terrível foi 1893. A **Federação** renegou abertamente o kardecismo. Para ela, o espiritismo era uma ciência. Caíra, em fim, nas mãos dos “científicos”. A **Fraternidade**, sua aliada, também se tornou “científica”. Chegara a hora do professor T [referência à Angeli Torterolli]. Nas suas mãos hábeis estavam todos: **Federação, União, Academia, Fraternidade** e mais vinte grupos filiados. Transformou a **Fraternidade** em **Sociedade Psicológica Fraternidade**, para a distinguir bem daquela que outrora pertencera aos “místicos”. Todos as vozes kardecistas cessaram. O anjo vermelho entrou a dominar. Em setembro, nem **Reformador**, nem qualquer sociedade. Tudo fechado. Tudo mudo. (ABREU, 1987, p.54, grifos e negritos como no original).

De fato, com exceção dos serviços de assistência o esvaziamento na FEB era notório.

Nos dias de gala e de conferência anunciada, a **Federação** reunia um máximo de trinta ouvintes. Nas edições magnas, como a de 3 de outubro, o Reformador tirava dobrado duzentos exemplares para distribuição gratuita. Mas todos os dias úteis, fizesse sol ou chovesse, um cem número de pessoas num vai-e-vem contínuo dava à **Assistência** o testemunho de sua utilidade. (ABREU, 1987, p.56, negritos como no original).

Além disso, o grupo científico não se limitou a atuar na FEB. Desde 1895⁸ promovia reuniões diárias e aos domingos em duas sedes. Uma na Av. Visconde do Rio Branco, destinada a sessões íntimas, e outra na Rua da Alfândega, para as sessões gerais de estudos todas as noites. Concomitantemente, recebia novos sócios, efetuava exames de avaliações de teses e promovia conferências.

⁸ Encontrei referências às reuniões da Sociedade Acadêmica desde maio de 1895. Ver BN – HEMEROTECA DIGITAL. Gazeta de Notícias, ed. 321, de 11/05/1895.

É preciso considerar que essa revitalização tanto da Sociedade Acadêmica quanto do Centro da União Espírita de Propaganda ocorre no contexto da assunção de Adolfo Bezerra de Menezes à presidência da FEB, com poderes discricionários, como exigiu. Nesse sentido, o período entre 1895 e 1900 torna-se palco de acirradíssimas disputas entre religiosos e científicos. Exemplos dessa disputa se encontram em diversos periódicos, entre eles o artigo de Vítor Antonio Vieira, respondendo às posições de Bezerra de Menezes nas páginas do Reformador:

Os argumentos produzidos pelo Dr. Bezerra de Menezes, em prol de sua orientação espírita, não passam de vistosas bolhas de sabão, sopradas pelo seu misticismo para deslumbrar a simplicidade ignorante dos que não sabem ou não querem se dar ao trabalho de raciocinar.

Como pode a religião ser ciência, se uma é produto da presunção e a outra é resultado da evidência? Se a primeira é hipotética e a segunda é positiva? Se aquela é estacionária e esta progressiva?

Não! A religião não é ciência, porque a ciência sempre foi e há de ser sempre a formidável adversária da religião.⁹

Com tudo isso, a visão e prática religiosa consolidou-se no meio espírita do Rio de Janeiro, e isso devido a ações estratégicas desenvolvidas por esse grupo. Amparados por mensagens vindas do mundo espiritual e produzidas por espíritos proeminentes, como Allan Kardec e Ismael, instruções estas compartilhadas por um jornal ligado à entidade, deram aos seus líderes status de trabalhadores “escolhidos”, como seria mais tarde construída a imagem de Bezerra de Menezes. Além disso, os mesmos produtores dessa visão creditavam aos científicos a estampa de ‘emissários do mal’, ‘produtores da separação’, ‘anjo vermelho’, como se refere Canuto Abreu à Angeli Torterolli.

De outro, foi decorrente de algumas escolhas advindas dos científicos que acabaram se mostrando infelizes. Enquanto o atendimento receitista passaria a ser cada vez mais centralizado na FEB, A Sociedade Acadêmica e o Centro da União de Propaganda Espírita do Brasil continuaram restringindo as ações de assistência ao recolhimento de doações ao final das reuniões para entrega a uma entidade filiada. Além disso, os médiuns assumidamente científicos como Julio Cesar Leal e Pinheiro Guedes atendiam na Federação e não nas entidades a que eram filiados. Por fim, cabe lembrar o peso do discurso religioso na cooptação de sofrendores, sobretudo os mais humildes,

⁹ BN – HEMEROTECA DIGITAL. Jornal do Brasil. Ed.284, de 10/10/1896.

necessitados de cura do corpo e alívio da alma, ações que a Federação Espírita Brasileira expandiria no novo século que se iniciava.

Com o advento de um espiritismo polissêmico, o efeito ideológico da unificação das diferenças e da denegação das divisões deveu-se ao fato de que, à custa das reinterpretações de um grupo (o religioso) dotado de mais capital, o espiritismo da FEB conseguiria agora falar a todos os demais grupos, neutralizando-os e acolhendo-os para si e sob seu poder. É nesse sentido que os discursos da referida federação não eram apenas signos destinados a serem decifrados e compreendidos; eram também, e sobretudo, signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos. (ARRIBAS, 2010, p.192).

Após a morte de Bezerra de Menezes, em 1900, a Federação procurou manter o mesmo direcionamento religioso, mas intensificou sobremaneira o serviço de atendimento médico na sede da entidade. Um quadro abrangente da quantidade de atendimentos e aviamento de receitas pode ser visto em Giumbelli (1997, p. 295 e 296). Se levarmos em consideração que na década de 1900 foram atendidas em consulta cerca de 1.320.000 pessoas e que, na década de 1920, esse número sobe para 1.939.200 pessoas, veremos o quanto o espiritismo, pelo menos pelo seu lado curador era relevante para a população.

Isso não impediu que alguns de seus membros, ou seguidores, insatisfeitos com a prática espírita, deixassem o espiritismo e estabelecessem outros grupos religiosos, ainda que a fundamentação e os princípios codificados por Allan Kardec estivessem presentes nesses novos grupos. Dois deles são especialmente relevantes nesse processo de fragmentação: a umbanda e o racionalismo cristão. Para os primeiros, o espiritismo era uma religião de brancos, letrados, onde não havia espaço para negros, índios e caboclos. Já para os racionalistas, o espiritismo deixara de ser científico.

2. A umbanda – um espiritismo para negros e índios.

Entre os seguidores da umbanda há certo consenso sobre a origem, tanto cronológica, quanto geográfica, desta doutrina. Ainda que se trate de um mito fundador, como insiste Brown (1985, p.10), e que essa discussão esteja em curso, uma vez que entre os estudiosos esta origem não é um consenso; a umbanda teria surgido a partir dos acontecimentos envolvendo um jovem de 17 anos, Zélio Fernandino de Moraes, com

graves problemas de saúde, levado à uma seção mediúnica na sede da Federação Espírita do Rio de Janeiro, localizada em Niterói, em 15 de novembro de 1908.

No decorrer do atendimento, espíritos de negros e índios teriam tentado se manifestar através da mediunidade de Zélio e de outros médiuns presentes, e teriam sido impedidos pelos dirigentes da entidade que o atendia. Nesse ponto, manifestou-se o espírito do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” reclamando que os espíritos que estavam sendo impedidos de se manifestarem o seriam devido as suas origens étnicas e sociais. A partir daí anunciou que seria criada uma nova religião, genuinamente brasileira, onde “pretos velhos e caboclos poderiam trabalhar. [determinando] também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre Jesus” (ROHDE, 2009, p. 80). Além disso, naquele mesmo dia, em casa de Zélio seria fundada a primeira tenda espírita de umbanda, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Outros autores (BROWN, 1985;) apontam a Umbanda como tendo surgido a partir de meados da década de 1920, no Rio de Janeiro, produto do trabalho de um grupo de espíritas insatisfeitos “que empreenderam visitas a diversos centros de macumba localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e Niterói” (BROWN, 1985, p. 11). Para este grupo, os espíritos das macumbas estariam muito mais aptos a estabelecerem ligações mais íntimas com a população que os espíritos “evoluídos”, com linguagem rebuscada e fala mansa, abundantes nas casas espíritas. Além disso, “achavam os rituais da macumba muito mais estimulantes e dramáticos do que os do kardecismo, que comparados aos primeiros lhes pareciam estáticos e insípidos” (BROWN, 1985, p.11). Por outro lado, segundo o que mais tarde ficaria exposto na literatura produzida por esses iniciados, consideravam repugnantes os rituais de origem africana, com sacrifícios de animais, a presença e uso de espíritos diabólicos, sobretudo os Exus, ambiente regado a bebedeiras e a exploração econômica dos assistidos.

Um terceiro grupo (ROHDE, 2009; SOUZA, 2014), defende que a Umbanda teria surgido muito antes que o ano de 1908, ainda que de forma embrionária, incorporando sua ritualística, panteão de deuses, entidades e tradições das religiões africanas vindas com os escravos, “mesclando suas práticas com nomenclaturas diversas, como Candomblés, Calundus e Batuques, que teriam convivido durante o final

do século XVIII e todo o século XIX” (SOUZA, 2014, p.143). A este grupo cabe a maior crítica à relevância do espiritismo na origem e surgimento da umbanda, embora admitam a presença de elementos advindos da classe média e do espiritismo na sua constituição no Rio de Janeiro.

É difícil ater-se a qualquer dessas perspectivas sem obscurecer aspectos levantados por autores que contestam essa ou aquela posição. De qualquer forma, nos parece arriscado aceitar que uma linha religiosa constituída por elementos de diversas matrizes religiosas e com formas diferentes de constituição tenha surgido em um único lugar e fundada por uma única pessoa, ou mesmo, um pequeno grupo. Além disso, o reconhecimento de Zélio como “figura seminal da constituição da umbanda encerra uma dupla ironia: a maioria das referências é contemporânea ou posterior à morte de Zélio (...); e aponta para o interesse pela ‘fundação’ ou ‘origem’ de uma religião (GIUMBELLI, 2002, p.189). Talvez por isso, a análise de Ortiz seja muito mais plausível:

A umbanda se desenvolve paralelamente em diferentes estados sem que exista, pelo menos de maneira comprovada, uma relação de influências entre os diversos terreiros. Em meados dos anos 20, existe em Niterói a tenda de Zélio de Moraes, no Rio de Janeiro a de Benjamim Figueiredo, em Porto Alegre a de Otacílio Charão. (ORTIZ, 1986, p.136).

De qualquer forma, visando entender como o espiritismo influenciou a formação da umbanda e de que forma se constituiu, a partir da década de 1930, a chamada “umbanda branca”, me apegue a duas obras de Leal de Souza¹⁰.

A primeira é *No mundo os Espíritos*, de 1925. Produto de uma enquete produzido pelo autor e publicada no jornal *A Noite*, relata suas visitas a diversas casas espíritas no Rio de Janeiro e Niterói, entre 1924 e o ano seguinte. A importância dessas reportagens está em descrever o funcionamento de diversas reuniões, grupos, tendas ou médiuns particulares que se identificavam como “espíritas”.

¹⁰ Duas obras são referência no que diz respeito ao funcionamento de casas espíritas no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Ambas produzidas por jornalistas, enquanto João do Rio pretendeu fazer um levantamento das diversas religiões em funcionamento na capital federal entre 1905 e 1906, com visível aversão a todos os cultos de origem africana, Leal de Souza concentrou-se exclusivamente nas casas espíritas, relatando o que encontrou e tecendo pouquíssimos comentários pessoais sobre o funcionamento das organizações, mas, nas casas onde encontrou rituais de danças e músicas, referiu-se a estas como de “baixo espiritismo”.

Foi assim que encontrou diversas casas espíritas kardecistas onde se desenvolviam reuniões mediúnicas em torno da mesa abertas ao público e serviços de assistência e cura com a interseção de espíritos, assim como, médiuns que atendiam em suas residências sem vínculo com grupos ou instituições.

Mas, também encontrou grupos onde danças e batuques misturavam-se a manifestações mediúnicas, imagens de santos, de Allan Kardec, além de nomes que faziam referência a caboclos e índios. Foi assim, por exemplo, no grupo que se reunia na Rua Dona Julia, nº 14; onde se encontrava “inúmeras imagens de santos e, cercada de flores de papel, a estampa de um índio: Urubatom” (SOUZA, 2012, p.121), ou, no Centro Espírita Beneficente Filhos de Maria de Nazareth, onde “no extremo oposto ao lado em que se mostrava a mesa da presidência, alguns homens, cercados de mulheres que pulavam, girando, entre outras que cantavam “uá, uá, uá, uá”, davam passes com abundância de gestos” (SOUZA, 2012, p.135). Ou ainda, na rua Araújo Leitão, no Engenho Novo, quando participou de reunião onde Pai Quintino, dirigente da entidade, recebia Pai Raphael de Umbanda e onde presenciou a incorporação de diversas entidades em médiuns da casa.

Em todas elas, fossem elas claramente identificadas com o espiritismo codificado por Allan Kardec ou naquelas, nomeadas por Leal de Souza, como macumbas, onde era visível a presença de elementos advindos da religiosidade africana, observa-se elementos que, em pouco tempo, seriam incorporados a um tipo particular de culto, a umbanda branca.

Esses elementos são fartamente identificados na obra seguinte, *O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda*, publicada pela primeira vez em 1933. É nesse texto que encontramos a afirmação de Leal de Souza de que: “A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador” (SOUZA, 1933, p.86). Mais adiante, para justificar a presença de entidades como os Pretos Velhos e os Caboclos, vale-se novamente da codificação espírita e escreve:

Entre os protetores da Linha Branca, alguns não são espíritos superiores, e os há também atrasados, porém, bons, quando o grau de cultura dos protegidos não exige a assistência de entidades de grande elevação.
(...) Esses trabalhadores, porém, na Linha Branca, estão sob a direção de guias de maior elevação, de acordo com o dizer de Allan Kardec a página

318 do “Livro dos Espíritos”, sobre os espíritos familiares, que “são bons, porém, muitas vezes pouco adiantados e até levianos.

Ocupam-se de boa mente com as particularidades da vida íntima e só atuam com ordem ou permissão dos espíritos protetores”.

O objetivo da Linha Branca é a prática da caridade e Allan Kardec, no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, proclama repetidamente que “fora da caridade não há salvação”. (SOUZA, 1933a, p.88).

O texto de Leal de Souza não é único. Na década de 1930 vários autores vão se esforçar por construir uma “doutrina” que desse conta de explicar a umbanda e sua constituição. Nesses autores, a presença da codificação espírita kardequiana tem relevância fundamental. Talvez por isso, Giumbelli enfatize que a “nova religião, com fronteiras minimamente definidas e sistemas doutrinários e rituais minimamente codificados, designada como umbanda, só se explica por um movimento de institucionalização dominado por expoentes imbuídos da cosmologia kardecista” (GIUMBELLI, 2002, p.211).

Além disso, ao analisar a constituição da umbanda na década de 1920, é possível um “olhar retrospectivo” no sentido de, não abandonando seu surgimento em décadas anteriores, analisar o que surgiu nesse intervalo de tempo. É dessa forma, por exemplo, que se verifica na constituição da Tenda Espírita Mirim, fundada em 13/10/1924 segundo seu estatuto original (cuja ata foi registrada em 18.03.1937, sob nº de ordem 16.576, no Livro C-7 do Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos do Distrito Federal) que:

Em 1924, a Umbanda praticada por Zélio de Moraes era o que podemos chamar de “umbanda de mesa”, com forte inspiração do Espiritismo de Kardec. Esse também foi o principal modelo praticado por mais de duas décadas na Tenda Espírita Mirim. Assim, na primeira metade do século XX, não havia na Tenda os sete graus em tupi-guarani e, muito menos, a gira. (NAVARRO, 2015, p.18).

Por fim, é também nesse período que se inicia o processo de embranquecimento da Umbanda, algo que a torna inexoravelmente próxima do espiritismo. Além disso, é também nesse processo que se identifica um dos mais significativos traços de originalidade na constituição da umbanda branca, a perda da individualidade dos espíritos, tão presente na codificação Kardequiana, substituída por representações de tipos. Nesse sentido:

Na Umbanda, as entidades (espíritos que dão consulta) situam-se a meio caminho entre a concepção dos deuses africanos do candomblé e os espíritos dos mortos dos espíritas/kardecistas. O transe na Umbanda são atualizações de fragmentos de uma história mais recente por meio de personagens tais como foram conservados na memória popular brasileira. As entidades espirituais cultuadas são espíritos de mortos que constituem categorias mais genéricas, em que a referência à vida pessoal é substituída por um arquétipo. (BARROS, 2012, p. 301-303).

3. O racionalismo cristão – ciência espírita recuperada?

Em 1912 foi fundada no Rio de Janeiro aquela que seria considerada durante algumas décadas a casa mater do Racionalismo Cristão no Brasil, o Centro Espírita Redemptor. Seu criador, um rico comerciante português radicado no Brasil desde 1874, chamado Luiz José de Moraes Mattos Chaves Lavrador, ou simplesmente, Luiz de Mattos, vagou entre várias casas espíritas em Santos, São Paulo, após se recuperar de um problema cardíaco.

Descontente com a religiosidade e o misticismo que encontrou nas casas espíritas por ele visitadas, fundou, em 26 de janeiro de 1910, em Santos, juntamente com Luiz Alves Thomaz, outro comerciante português, a primeira casa racionalista no Brasil, o Centro Espírita Amor e Caridade.

O desagrado de Luiz de Mattos ao funcionamento das Casas Espíritas de formação kardecista, extrapolava a constituição das sessões e enveredava pela crítica ao ganho financeiro, “o espiritismo foi desviado do seu verdadeiro fim, do seu único objetivo que é o progresso moral dos seres, para transformar-se em instrumento da vida material, servindo as ambições dos perversos (Centro Espírita Redemptor, 1916, p. 8). Além disso, criticava a falta de uniformidade dos trabalhos, “cada qual exercia o espiritismo de acordo com os seus caprichos sem conhecer princípios nem regras, sem um método a por em prática, sem uma disciplina a seguir (Centro Espírita Redemptor, 1916, p. 8).

As críticas que Luiz de Mattos fez em 1910, resvalam no levantamento de Leal de Souza, quase duas décadas depois, e revelam como a expressão casa espírita, grupo espírita, ou mesmo, espiritismo, era utilizado na descrição de grupos, entidades e

seguidores com as mais diferentes constituições, mas que mantinham em comum a comunicação com os espíritos.

Como o Rio de Janeiro era a capital federal, centro financeiro, comercial, político e administrativo do Brasil, e impulsionado pelos “sucessos” que vinha obtendo no tratamento de loucos em Santos, em 1911, Luiz de Mattos tentou convencer os dirigentes da Federação Espírita Brasileira, na figura de seu presidente, Leopoldo Cirne, “para que mudasse suas diretrizes e passasse a seguir as diretrizes ditadas pelos dirigentes do Espiritismo Racional e Científico Cristão” (AMARO, 2010, p.42):

(...) o contato se deu com o presidente da FEB/ para ver se este se dispunha a estudar e praticar racional e cientificamente a bela doutrina de Jesus e abandonava a orientação prejudicial de discursos sobre as poucas parábolas verdadeiras dos Evangelhos e sobre as muitas falsas, grandemente prejudiciais que n’eles existem, e muito especialmente para arredá-lo da explicação e propagação dos prejudicialíssimos Evangelhos de Roustaing, que ele havia adotado e procurado implantar no seu meio (Centro Espírita Redemptor, 1913, p. 4).

Ainda que não tenha obtido sucesso, conseguiu cooptar Ignácio Bittencourt, espírita histórico¹¹, na ocasião presidente do Centro Espírita Tribuna e diretor do Jornal Tribuna Espírita. “Após o contato com Mattos, em 2 de outubro de 1911, o grupo Tribuna passou a denominar-se *Centro Espírita Redemptor*, filiado do Centro Amor e Caridade e o jornal Tribuna Espírita passou a ser posse dos membros fundadores do Redemptor” (AMARO, 2010, p. 31).

Bittencourt foi o primeiro presidente do Redemptor, experiência que durou apenas oito sessões, sendo logo em seguida substituído por Luiz de Mattos, que se mudou com a família para o Rio de Janeiro e assumiu o controle da entidade. Uma das primeiras ações de Mattos na direção do Redemptor foi a construção de uma sede definitiva e ampla em Vila Isabel, que pudesse abrigar o Centro e um hospital para tratamentos de alienados, ambos inaugurados em 1912.

¹¹ Ignácio Bittencourt teve relevante atuação no movimento espírita do Rio de Janeiro. Foi diretor dos jornais Tribuna Espírita e Aurora, além de escrever para o Reformador. Entre 1915 e 1916 foi vice-presidente da Federação Espírita Brasileira. Em janeiro de 1919 fundou e presidiu o Abrigo Teresa de Jesus, uma das primeiras iniciativas espíritas de assistência à infância. Fundou a União Espírita Suburbana, sendo presidente por vários anos após o desencarne, em 1919, do conhecido médium Fernandes Figueira. Dotado de mediunidade curadora e receitista, além de ativo nos trabalhos de assistência, foi processado várias vezes, sendo absolvido em todas. Ver: WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002, p. 384 à 388.

A partir de então, Luiz de Mattos passou a atuar em três frentes: a construção da fundamentação doutrinária em que se sustentaria o Racionalismo Cristão, a propaganda da doutrina que constituía e a atividade de tratamento de loucos levados até o hospital. Estas atividades estiveram sempre relacionadas de alguma forma com a crítica aos fundamentos e atuação tanto do espiritismo, quanto de médicos, principalmente psiquiatras, e o atendimento oferecido aos alienados mentais na capital da República.

A fundamentação doutrinária do racionalismo cristão está intimamente ligada a afastamentos e aproximações com o espiritismo. Deus é único, criador e visto como a inteligência suprema. Sobrevive, como princípio, a imortalidade do espírito, a necessidade da reencarnação, a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados, e a pluralidade de mundos materiais e espirituais. No entanto, a forma como esses princípios se estabelecem são severamente modificados, com especial centralidade à necessidade de vínculo e respeito aos princípios estabelecidos pelo racionalismo para ascensão espiritual.

Em 1913, os centros que se filiassem ao racionalismo cristão podiam fazê-lo ou através do Centro Espírita Redemptor, no Rio de Janeiro, ou via Centro Espírita Amor e Caridade, em Santos. (Centro Espírita Redemptor, 1913, p.63). Nesse ano a instituição já possuía 17 centros filiados, sendo 07 no Rio de Janeiro, 01 em São Paulo, 04 em Minas Gerais, 01 no Paraná, 01 na Bahia, 01 no Maranhão, 01 no Ceará e 01 em Cabo Verde. Curiosamente, todos esses centros estavam localizados em cidades relativamente afastadas da capital de seus estados. No Rio de Janeiro, o centro mais próximo ficava em Petrópolis, enquanto os demais eram de Pirai, Santa Clara do Carangola, Lumiar, e três deles em São José de Ubá.

Em 1914, a quantidade de centros filiados aumentava para 23, persistindo a localização dessas casas em cidades afastadas. No caso do Rio de Janeiro, uma casa localizada em Niterói filia-se ao racionalismo cristão, o Centro Espírita União e Caridade. Além disso, nesse mesmo ano Luiz de Mattos publica a primeira edição de *Espiritismo Racional e Científico Cristão*, contendo a doutrina que fundamentaria o Racionalismo Cristão.

Já a partir de 1916, o Centro Espírita Redemptor passou a ser a Casa Chefe, enquanto todos os demais, inclusive o Centro Espírita Amor e Caridade, de Santos, tornaram-se filiais, passando, cada um, a denominar-se Centro Espírita Redemptor Filial, seguido do nome da cidade onde se situava. Além disso, todos passaram a obedecer aos mesmos regulamentos, disciplina e deveres, embora possuíssem personalidade jurídica e patrimônio próprios, tendo, no entanto, que executar o programa ditado pelo Centro Redemptor.

Também em 1916, segundo Luiz de Mattos, obedecendo à orientação do Astral Superior, começou uma série de 12 conferências, todas realizadas no salão da Associação dos Empregados no Comércio. Nessas palestras, tratou dos seguintes temas: 1ª- O Espiritismo Racional e Científico, seu fim e sua Deturpação; 2ª- O que é ser Espírita; 3ª- O Espiritismo em Face da Ciência Terrena; 4ª- O Espiritismo prepara o Homem para a luta; 5ª- Força e Matéria, sua origem; 6ª- O Espiritismo prepara o Homem para a Luta. A ação da vontade e Pensamento; 7ª- O Espiritismo Verdadeiro perante a Humanidade; 8ª- O Espiritismo Racional e Científico Cristão perante o Clero 9ª- O Espiritismo Racional e Científico Cristão perante a Mocidade; 10ª- O Espiritismo Racional e Científico Cristão e a Loucura; 11ª- O Espiritismo Racional e Científico Cristão perante as Religiões; 12ª- O Espiritismo Racional e Científico Cristão perante todas as Classes.

Na primeira conferência, Luiz de Mattos expõe alguns dos resultados obtidos no Hospital para Alienados que funcionava no Centro Espírita Redemptor. Segundo ele, em 1913, teriam sido “curados” da loucura 432 indivíduos, sendo alguns oriundos do Hospital Nacional de Alienados e da Casa de Saúde Dr. Eiras, instituição particular. Em 1914, esse número teria subido para 807 e, em 1915, 841. Além disso, teriam comparecido às reuniões do Centro Redemptor, em 1915, 58.600 pessoas.

O que ele não mencionou foi que o tratamento que se empregava na instituição foi denunciado não só por pessoas vizinhas ao Centro como por membros da Federação Espírita Brasileira e tornou-se matéria para um inquérito do jornal *A Noite*. Segundo o jornal, os loucos ali internados dormiam completamente nus sobre o assoalho limpo, “de mãos amarradas e os pés suspensos até a altura de meio metro. (...)”

Dizem os espíritas do Centro que aquilo é uma penitência imprescindível para a cura. O espírito mal assim abandonará o corpo do louco, que ficará bom.”¹²

As denúncias levaram a produção de um inquérito policial e a denúncia de Luiz de Mattos e da secretária do Centro, Virtulina Bretas, como incursos no artigo 158 do código penal. Respondendo ao processo em liberdade, após pagarem fiança, foram posteriormente absolvidos pelo Desembargador Edmundo Rego, em novembro de 1915. De qualquer forma, no ano seguinte, quando Mattos proferira suas conferências, o Hospital já não funcionava.

A uniformização que Mattos tanto cobrava nas casas espíritas foi obtida no Racionalismo Cristão com a submissão das filiais a rígidos regulamentos, regras e ritos, coisa que a Federação Espírita Brasileira nunca conseguiu estabelecer nos centros kardecistas. Aliás, até a filiação desses centros à FEB é coisa que só se intensifica a partir da década de 1940.

Luiz de Mattos morreu em 1926, quando o racionalismo já estava em franca expansão. A umbanda na década de 1940 passou por diversos movimentos também no sentido de uniformizar seus trabalhos, o que nunca aconteceu. De qualquer forma, fica a certeza de que religiões são processos dinâmicos, inseridos no dinamismo no mundo moderno, mesclando-se e separando-se, na busca por representatividade.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Canuto. Bezerra de Menezes (subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895). São Paulo: FEESP, 1987.

AMARO, Jacqueline de Souza. Os combates de Luiz de Mattos (1912-1924): O espiritismo kardecista e o tratamento médico da doença mental. Dissertação. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz, 2010, 135p.

BARROS, Sulivam Charles. As Entidades “Brasileiras” da Umbanda. In: Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio, In BROWN, Diana et al. Umbanda e política. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 43-79.

¹² BN – HEMEROTECA DIGITAL. A Noite, ed. 878, de 30/05/1914, p. 1.

CENTRO ESPÍRITA REDEMPTOR O Espiritismo Christão no Brasil: O Centro Espírita Redemptor, sua Vida e suas Obras em 1914 e 1915. Rio de Janeiro: Baptista de Souza, 1916.

CENTRO ESPÍRITA REDEMPTOR. O Espiritismo Christão no Brasil – O Centro Espírita Redemptor, sua Fundação, sua Vida e suas Obras. Rio de Janeiro: Cadaval e C, 1913.

DAMAZIO, Sylvia F. Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro, in SILVA, V.G. (org). Caminhos da alma: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002, p.183-217.

GIUMBELLI, Emerson. O cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 1997.

ISAIA, Artur Cesar. O elogio ao progresso na obra dos Intelectuais de Umbanda. Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Disponível em http://www.oocities.org/ail_br/ail.html. Consultado em 13/07/2019.

MARQUES, Marcos Moreira. A cura do corpo, da cidade e da alma. Medicina, política e espiritismo em Adolfo Bezerra de Menezes. Salvador/BA: Sagga Editora, 2019.

NAVARRO, Sérgio. Reflexões sobre a Escola do Caboclo Mirim. Limeira/ SP: Editora do Conhecimento, 2015.

ORTIZ, Renato. Breve nota sobre a umbanda e suas origens. Religião e Sociedade, v.13(1), pg. 134-137. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma religião que não nasceu: Breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. São Paulo: REVER – Revista de Estudos da Religião, março/2009, p. 77-96.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. A Umbanda brasileira e a desconstrução de uma memória coletiva africana. Rev. Hist. UEG – Anápolis/GO, v.3, n.1, p.143-162, jan./jun.2014.

SOUZA, Leal de. No mundo dos Espíritos. 2ª ed. Limeira/SP: Editora do Conhecimento, 2012.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

WANTUIL, Zeus. Grandes Espíritos do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.